

O estilo Figueiredo

Diante das dificuldades crescentes, o regime militar decretou a anistia e terminou por entregar a condução do processo político para os civis.

Para enfrentar a crise gerada pelo preço do petróleo, que passara de 2,2 dólares para 22,5 dólares o barril, o presidente Ernesto Geisel tentou desaquecer a economia em 1978, cortando 40 milhões de cruzeiros de gastos previstos e apertando o contribuinte com aumento de Imposto de Renda retido na fonte. Essas dificuldades elevaram a tensão social, que encontrou uma válvula de escape na abertura sindical, nas greves e nas negociações direta de salários entre patrões e empregados. Ao mesmo tempo continuava a luta pelo fim do regime militar, mas já se podia ouvir nas ruas uma nova música vinda das passeatas de estudantes: “Vai acabar o quê?, Vai acabar o quê?, a ditadura militar”. A repressão era dura, mas as manifestações já não estavam confinadas entre quatro paredes. As críticas já se faziam ouvir entro do próprio partido governamental. Por exemplo, o senador alagoano Teotônio Vilela tornara-se cada vez mais um “dissidente” da Arena.



1975

Na Índia a primeira-ministra Indira Gandhi é acusada de corrupção eleitoral.

1976

Nas primeiras eleições diretas em cinqüenta anos os portugueses elegem um governo socialista.

1977

Com uma coroa de 5 mil diamantes, Jean-Bédél Bokassa é coroado imperador do recém-formado Império Centro-Africano.

1978

Com a morte do papa Paulo VI, os cardeais elegem o papa João Paulo I, encontrado morto 33 dias após ser eleito. É substituído pelo polonês Karol Wojtyla, o primeiro papa não italiano dos últimos quatrocentos anos, que assume com o nome de João Paulo II.

Nos meios militares os boatos eram de conflitos e cisões. Ao mesmo tempo os segmentos da sociedade se rearticularam. A imprensa abriu brechas na censura. A Ordem do Advogados do Brasil (OAB), com Raymundo Faoro à frente, tornou-se um influente divulgador dos ideais da democracia. Os universitários voltaram a realizar Encontros Nacionais de Estudantes.



E, finalmente, como um grande sintoma de rearticulação da sociedade civil, começaram, em 1978, as greves dos metalúrgicos do ABC, em São Paulo, de onde a emergiria a liderança de Luís Inácio Lula da Silva.

Geisel decidiu que o general João Baptista de Figueiredo iria sucedê-lo para dar continuidade ao projeto de abertura. Foi então que o general Hugo Abreu, chefe do Gabinete Militar e homem de confiança do presidente, manifestou-lhe o seu desacordo, e foi demitido, como já ocorrera com o

ministro do Exército, Sílvio Frota, porque sua candidatura, da qual Geisel discordava, foi apresentada por um grupo arenista. Enfim, no dia 1º de janeiro de 1979 o Brasil amanhecia sem o Ato Institucional nº 5. Terminava a "distensão". No dia 15 de março Figueiredo assumiu a presidência com um ministério montado com a preocupação da continuidade revolucionária. Seu programa de governo previa a contenção dos gastos públicos, a privatização de empresas e serviços estatais não essenciais, a descentralização administrativa, a redução da taxa de inflação, que era de 40%, e a prioridade à agricultura.

No dia 27 de junho, Figueiredo assinou o projeto de anistia que o Congresso aprovaria dois meses depois por 206 voto contra 201. Não era uma anistia ampla porque não beneficiava terroristas presos, nem geral, porque fazia distinção entre os crimes perdoados, nem irrestrita, porque não devolvia aos punidos os cargos e as patentes perdidos.

"Anistia é esquecimento", protestou o presidente do MDB, deputado Ulisses Guimarães. "E anistia com discriminação é injustiça". Na explicação do senador arenista Jarbas Passarinho, aquela era a anistia que se poderia conceder. Em novembro foi a vez da reforma partidária, que extinguiu o bipartidarismo. A Arena foi rebatizada de PDS; esperava-se a formação de três partidos de



oposição, organizados em torno de Tancredo Neves, Leonel Brizola e Miguel Arrais. O governo enganou-se. Entre inúmeras legendas surgiu também o PT, Partido dos Trabalhadores, para o qual confluíram numerosos setores da esquerda, atraídos pelas idéias de democracia social e autogestão, palavras de ordem que desbancavam os velhos temas nacionalistas, pupolistas e stanlinistas.

Os velhos e o novo

O quadro partidário revelou-se bem diferente do que Golbery do Couto e Silva e os estrategistas do regime haviam imaginado. O PP (Partido Popular), de Tancredo Neves, nasceu mais fraco do que o previsto, e Leonel Brizola perdeu até a tradicional sigla getulista do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) para Ivete Vargas. Além disso, o MDB, agora PMDB, acabou não se fracionando. Mas o imprevisto veio com o PT, o fato novo na vida política brasileira